

Paróquia de Nossa Senhora da Assunção - Cabo Frio

SAGRADA ESCRITURA II - NOVO TESTAMENTO

EMENTA

I – INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

II – EVANGELHOS

III – ATOS DOS APÓSTOLOS

IV – EPÍSTOLAS PAULINAS / CATÓLICAS

V – APOCALIPSE

Bibliografia

- Bíblia de Jerusalém
- Catecismo da Igreja Católica
- Curso Bíblico *Mater Ecclesiae*
- Apontamentos do Curso de Teologia do IFTSJ

INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

1.Generalidades:

São Paulo fala de “*leitura do A.T*” (II Cor 3,14) para designar os livros da Lei e dos Profetas, nos que ficam descritos a aliança que Deus fez com Moisés, e as promessas fez posteriormente.

Será no séc. II quando alguns escritores cristãos – Santo Irineu e Tertuliano – utilizam a expressão “Novo Testamento” para referir-se a um conjunto de escritos reconhecidos como sagrados e canônicos.

Assim pois, o Novo Testamento faz referência aos livros nos que fica designado a Nova Aliança de Deus com os homens realizada por mediação de Jesus Cristo, como cumprimento das promessas anteriores .

A palavra “Evangelho” vem do grego “*evangélion*”, o que significa “Boa Notícia”.

O termo Evangelho tem por significado no grego profano uma espécie de remuneração para quem traz uma boa notícia ou até mesmo a própria boa notícia, a respeito dos acontecimentos da vida do imperador.

- Contudo, no Antigo Testamento e na tradução dos LXX este termo toma um cunho religioso como anúncio de Salvação (Is 40 – 66).
- No que diz respeito ao Novo Testamento a pessoa de Jesus vem significar a própria Boa Nova, ou seja, no Novo Testamento essa palavra não terá uma conotação de um Evangelho escrito, mas, Jesus como a própria Boa Notícia reveladora do Pai que tem uma força de Salvação.
- A partir disso, nos escritos neo-testamentários São Paulo é um grande colaborador para a compreensão do plano salvífico e seu cumprimento.

Na Tradição dos Padres da Igreja não irão abandonar esse contexto, mais ratificarão ao designar a relação escrita da vida e dos ensinamentos de Jesus, sendo então, São Justino um dos primeiros a chamar de Evangelhos os escritos conhecidos.

- **Justino, o Mártir** (100-165 d.C)

Para os apóstolos, nas memórias compostas por eles, que são chamados de Evangelhos, assim, tendo entregue a nós o que foi prescrito a eles, que Jesus tomou o pão, e quando Ele deu graças, disse: “Isto vós fazeis em memória de mim, este é o meu corpo”, e que, da mesma maneira, tendo tomado o cálice e tendo dado graças, disse: “este é o meu sangue”, e deu a eles apenas.

(primeira Apologia, cap. 66 – Sobre a Eucaristia)

- O Evangelho, portanto, é um anúncio, uma Pessoa, neste anúncio há uma objetividade histórica, quer dizer, não é uma ficção, ilusão e nem subjetividade, ou seja, diante do Tribunal da História está a credibilidade aos Evangelhos.
- Entre os cristãos, este vocábulo passou a designar a mensagem de Jesus Cristo, “aquilo que Jesus fez e disse” (At 1,1). Daí fez-se a expressão “Evangelho de Cristo”, que significa o Evangelho pregado por Jesus Cristo e a mensagem que Ele nos trouxe da parte do Pai.
- O Evangelho, segundo o Novo Testamento, é mais do que uma doutrina; é força renovadora do mundo e do homem; produz uma nova criação, como se deduz das palavras de Jesus: “Ide e anunciai a João o que ouvistes e vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,4-6).
- A Igreja reconhece quatro narrações do Evangelho ou quatro Evangelhos canônicos: os de Mateus, Marcos, Lucas e João.
- Destes, os três primeiros são chamados “sinóticos” porque podem ser lidos em sinopse ou em três colunas paralelas; o quarto Evangelho segue roteiro assaz diferente dos três anteriores.
- A origem do termo sinótico vem do grego *δυνόπις* que tem por significado “ver em conjunto”, ou até mesmo, semelhantes.
- Esse termo sinótico foi aplicado no ano de 1776 por J. J. Griesbach ao escrever uma obra denominada: *Synopsis Evangeliorum*.
- Griesbach percebeu que os Evangelistas Marcos, Mateus e Lucas possuíam em seu conteúdo muitas semelhanças e diferenças. Portanto, ao ver que esses textos apresentavam um conjunto de mensagens comuns, denominou então de sinóticos.

Os Evangelhos são simbolizados pelos animais descritos em Ez 1,10 e Ap 4,6-8: o leão (Mc), o touro (Lc), o homem (Mt), a águia (Jo). A tradição cristã adaptou esses símbolos aos autores sagrados levando em conta o início de cada Evangelho: visto que Mateus começa apresentando a

genealogia de Jesus, é simbolizado pelo Homem; Marcos tem início com João Batista no deserto, deserto é tido como morada do leão (Jesus como Leão da Tribo de Judá);

Lucas se abre com Zacarias a sacrificar no templo, por isso é simbolizado pelo vitelo (novilho novo), vítima do sacrifício; João começa apresentando o Verbo preexistente que se fez carne, à semelhança de uma águia que voa para, depois dar o bote na terra. Esta atribuição de símbolos aos evangelistas não se deve aos autores de Ez e Ap, mas é obra de escritores cristãos dos séculos II/IV.

De Jesus ao texto dos Evangelhos

- Sabemos que Jesus pregou entre 27 e 30 sem nada deixar escrito. Também não mandou que os Apóstolos escrevessem; conseqüentemente, o Evangelho foi primeiramente anunciado de viva voz, e só aos poucos consignado por escrito. Há pois, um intervalo de 20,30 ou mais anos entre Jesus e o texto definitivo dos Evangelhos. Depois de muito estudar o texto sagrado e a história da Igreja nascente, os bons autores admitem três etapas nesse período de tempo:

- 1) *De Jesus aos Apóstolos.*

Jesus pregava a Boa Nova utilizando recursos de linguagem dos rabinos (parábolas). Antes da Páscoa a compreensão dos ouvintes era lenta; mas depois de Páscoa-Pentecostes, os Apóstolos guiados pelo Espírito Santo, penetraram profundamente na mensagem do Senhor.

- 2) *Dos Apóstolos às comunidades cristãs antigas.*

A mensagem de Jesus foi levada de Jerusalém (após Pentecostes) para Samaria, a Galiléia, a Síria, a Ásia Menor, a Grécia, Roma.

O núcleo da pregação era sempre a vitória de Jesus sobre o pecado e a morte obtida na Páscoa: a este núcleo da pregação se acrescentavam as narrações de milagres(para comprovar o poder de Jesus), de parábolas(para manifestar a doutrina de Jesus sob forma de catequese), de disputas com os fariseus, de profecias, etc. A pregação devia se adaptar aos

diversos ambientes nos quais ela se realizava, a fim de tornar-se viva e significativa.

At 1,22; 3,14-15; 5,32; 10,40-42

- Os Apóstolos eram muito ciosos da fidelidade a Jesus e ao passado; não queriam ser senão testemunhas, sempre que alguma inovação estranha se quisesse introduzir na mensagem condenavam-na (Gl 1,8). Sabemos que o Senhor não abandonou sua mensagem ao bel-prazer dos homens, mas acompanhou-a enviando o Espírito Santo à Igreja para que orientasse os Apóstolos na fiel pregação do Evangelho.
- À medida que iam pregando o Evangelho, os Apóstolos experimentaram a necessidade de consignar por escrito.
- 3) *Das comunidades cristãs aos Evangelistas.*

Aos poucos os cristãos perceberam a vantagem de compilar num só todos esses fragmentos da pregação evangélica. Das compilações feitas, quatro foram reconhecidas pela Igreja como canônicas, ou seja, como autêntica Palavra de Deus: as de Mateus, Marcos, Lucas e João. Os três primeiros foram dependentes entre si. A primeira redação dos escritos do NT foram as Cartas, pois foram escritos que respondem a problemas que surgem nas primeiras comunidades cristãs, todavia acreditou-se que haveria existido um Evangelho que deu-se por obra de Mateus na terra de Israel e, por isso, em aramaico e que esta redação servisse de modelo para Marcos e Lucas (Mateus aramaico – Papias).

Tal tese não se acredita mais segundo os exegetas modernos e sim que o Evangelista São Marcos é quem seria o primeiro dos evangelhos a ser escrito.

O certo é que, na atualidade, não existe um consenso nos diversos autores (Griesbach; Farrer; Butler; Benoit-Boismard; Rolland) sobre a chamada *questão sinótica*.

Logo, constata-se em tais escritos que a literatura do Novo Testamento nasce na encruzilhada cultural do mundo helenístico e do semítico.

- Evangelho de Marcos em grego – ano 60/70
- Evangelho de Lucas em grego – ano 70/75.
- Evangelho de Mateus em grego – ano 80/90.
- Evangelho de João em grego – ano 100.

2. A fidelidade histórica dos Evangelhos

- 1) A mensagem de Jesus Cristo não se propagou a esmo ou sem acompanhamento dos Apóstolos. Lembremos que “quando os apóstolos souberam em Jerusalém que a Samaria tinha recebido a palavra de Deus, enviaram Pedro e João para lá” (At 8, 14) a fim de atender às necessidades dos cristãos (cf. At 9, 32).
- 2) Os Apóstolos tinham consciência de lidar com uma tradição santa e intocável.
- 3) Não há dúvida que na Igreja nascente houve tentativas de deteriorar a mensagem evangélica.
- 4) Os muitos erros e desvios ocorridos na pregação da mensagem cristã dos primeiros séculos foram recolhidos na chamada “literatura apócrifa”, cujo estilo é evidentemente imaginoso e fictício.
- 5) Nenhum criador de mitos teria “inventado” o mito do Evangelho, cujos traços são desafiadores e exigentes para a mente humana: a mensagem de Deus feito homem, crucificado e promessa de ressurreição, moral cristã, valorização a mulher.